Arquivo Maaravi
Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Balzac e o *Livro do Êxodo*

Balzac and *The Book of Exodus*

Lucius de Mello[*]
Universidade de São Paulo | São Paulo, Brasil
lucuiusdemello@uol.com.br

Resumo: A presença da Bíblia na obra de Honoré de Balzac ainda é um tópico investigado por um pequeno grupo de pesquisadores. Buscando preencher essa lacuna, este artigo pretende realçar algumas das ressonâncias do *Livro do Êxodo* em *A comédia humana*, mais precisamente nas obras *Fisiologia do Casamento* e *Louis Lambert*. Nesse romance, segundo Marthe Robert, Madame de Stäel, grande dama da literatura francesa, desempenha o papel da filha do faraó que salvou o pequeno Moisés das águas. A partir do texto balzaquiano, busca-se destacar na análise aqui desenvolvida o legado simbólico que o profeta bíblico Moisés teria deixado, segundo o romancista, à ciência e, sobretudo, à literatura e à filosofia.

Palavras-chave: Honoré de Balzac. Bíblia. Moisés.

Abstract: The presence of the Bible in Honoré de Balzac's work is still a topic investigated by a small group of researchers. In an attempt to fill this gap, this article aims to highlight some of the resonances of *The Book of Exodus* in *The Human Comedy*, specifically in the books *The Physiology of Marriage* and *Louis Lambert*. In this novel, according to Marthe Robert, Madame de Stäel, great lady of French literature, plays the role of the daughter of the pharaoh who saved little Moses from the waters. Based on Balzac's writings, the analysis developed here seeks to highlight the symbolic legacy that the biblical prophet Moses would have left, according to the novelist, to science, and above all, to literature and philosophy.

Keywords: Honoré de Balzac. Bible. Moses.

[…] porque já fazia dele um novo Moisés salvo das águas.[1]

(Balzac)

Embora não se deva reduzir Honoré de Balzac às suas fontes, empobrecendo-se, desta forma, a criatividade com que trabalha textos de sua predileção, não se pode

[*] Escritor e jornalista. Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

[1] No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 595): "*car elle faisait déjà de lui quelque nouveau Moïse sauvé des eaux*" (BALZAC, 1959a, p. 17, tradução nossa).

deixar de iluminar o seu interesse pela Bíblia e a abundante colheita que faz de imagens e simbologias das Sagradas Escrituras para compor a sua obra. O nome de Moisés, por exemplo, é citado 54 vezes e a palavra deserto tem aproximadamente 250 aparições em toda *A comédia humana,* segundo o *Vocabulário de Balzac*,[2] organizado por M. Kazuo Kiriu, professor emérito da Universidade de Saitama no Japão. Esses dados, resultantes da rigorosa pesquisa acadêmica de Kiriu, evidenciam o encantamento e a verdadeira obsessão que Balzac tinha pelo *Livro do Êxodo,* narrativa recuperada e interpretada constantemente pelo pensamento do romancista desde as suas primeiras obras literárias.

O exílio também começou cedo para o pequeno Balzac. Recém-nascido, ele foi tirado de casa pela própria mãe e entregue a uma ama de leite que morava na margem oposta do rio Loire, no vilarejo de Saint-Cyr-Sur-Loire, defronte a Tours, cidade na qual Balzac nasceu em 20 de maio de 1799. Nos braços da mãe postiça, ele viveu os primeiros quatro anos de sua vida, explica o biógrafo Johannes Willms: "A prática de entregar os bebês recém-nascidos aos cuidados de uma ama era costumeira entre os assim chamados melhores círculos, aos quais os Balzac pertenciam em Tours".[3] Segundo Willms, as obrigações sociais "consideradas imperiosas dificilmente eram compatíveis com uma vida em família marcada por aconchego e amor".[4] Quando retornou à casa dos pais, logo foi despachado com 5 anos incompletos para um internato em Tours, no qual recebia "seis horas de aulas diárias de leitura, escrita, desenho e o obrigatório catecismo napoleônico".[5] Três anos mais tarde, o primogênito dos Balzac foi encaminhado a outra instituição educativa, na qual passou seis anos internado: o Colégio de Vendôme, a cinquenta quilômetros de Tours, comandado pelo severo regulamento dos padres oratorianos. O local foi escolhido como cenário de *Louis Lambert,* narrativa considerada autobiográfica, publicada pela primeira vez em 1832 com o título de *Notícia biográfica sobre Louis Lambert.* O romance leva o nome do protagonista e alterego de Balzac. Louis Lambert é um dos heróis que integram os *Estudos filosóficos* e, com *Séraphîta* e *Les Proscrits,* forma *Le Livre Mystique.*

---

[2] M. Kazuo Kiriu passou vinte anos digitalizando as obras do autor francês para poder estabelecer uma tabela de concordância, ou seja, o agrupamento de todo o vocabulário de *A comédia humana* em ordem alfabética, com uma linha de contexto e a referência com base nas edições da Pléiade. A pesquisa do prof. Kazuo Kiriu pode ser conferida no CD-ROM *Vocabulaire de Balzac,* Kazlab, seconde édition, octobre 1995, ou no site: https://v2asp.paris.fr/concordance.htm.

[3] Willms, 2009, p. 16.

[4] Willms, 2009, p. 16.

[5] Willms, 2009, p. 18.

Arquivo Maaravi
Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

A alegoria bíblica do Egito foi plantada pelo narrador ao aproximar Louis Lambert de Moisés: "porque já fazia dele um novo Moisés salvo das águas".[6] Essa conexão com as Sagradas Escrituras se dá no fragmento do enredo em que a protetora do adolescente romanesco é apresentada aos leitores. É Mme. de Staël[7] que tenta fazer de Lambert um novo Moisés adaptado ao século XIX. Em *Louis Lambert*, "a Sra. Staël é a filha do faraó", afirma Michel Butor.[8] Nesse sentido:

> Ela é filha do banqueiro Necker, que se tornou ministro de Luís XVI. Ela continua muito ligada ao Antigo Regime, mas ao Antigo Regime que está tentando se transformar. Graças ao Colégio de Vendôme, também ligado a ela nessa altura, conseguiu arrebatar a criança ao imperador Napoleão, que aqui desempenha o papel de um invasor do Egito, um Cambises, um imperador persa ou mesmo romano, como Augusto. O jovem, para evitar o recrutamento, havia sido devotado por seus pais à Igreja.[9]

Marthe Robert também pensa como Butor: "A grande dama da literatura francesa, que desempenha aqui o papel da princesa egípcia da Bíblia […]".[10] Ao contrário da cena bíblica, que teria sido inspirada por Deus, na romanesca, foi o Acaso, manipulado pela pena balzaquiana, quem fez Mme. de Staël cruzar o caminho do adolescente Louis Lambert. O primeiro encontro deles também ocorre próximo das águas, muito provavelmente às margens do rio Loire, que cruza a cidade e região de Vendôme, onde os dois se conheceram, como descreve o narrador:

---

[6] Balzac, 1959a, p. 17. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 595): "*car elle faisait déjà de lui quelque nouveau Moïse sauvé des eaux*".

[7] Balzac, 1959a, p. 12. Nota 2, escrita por Paulo Rónai: "Sra. de Staël: em solteira Germaine Necker (1766-1817), filha do ministro da fazenda de Luís XVI. Desposou em 1786 o Barão de Staël, embaixador da Suécia. Durante o Império, vivia exilada em sua propriedade de Coppet na Suíça, que se tornou um dos centros dos adversários de Napoleão. Publicou em 1805, *Corina,* romance em parte autobiográfico, notável sobretudo pela discrição das paisagens e pela análise das obras-primas das artes italianas. Autora também de *Delfina, Da Alemanha, Da Literatura".*

[8] Butor, 1998, p. 174, tradução nossa. No original: "*Mme. de Staël est la fille du pharaon*".

[9] Butor, 1998, p. 174, tradução nossa. No original: "*C'est la fille du banquier Necker devenu ministre de Louis XVI. Elle reste très attachée à l'Ancien Régime, mais à l'Ancien Régime qui essaie de se transformer. Grâce au Collège de Vendôme, lié lui aussi à cette époque, elle peut en effet arracher l'enfant à l'empereur Napoléon, qui joue ici le rôle d'un envahisseur de l'Égypte, d'un Cambyse, d'un empereur perse ou même romain, tel Auguste. Le jeune homme, pour éviter la conscription, avait été voué par ses parents à l'Église*".

[10] Robert, 2007, p. 210.

> A Baronesa de Staël, banida a quarenta léguas de Paris, veio passar alguns meses do seu exílio numa herdade perto de Vendôme. Um dia, passeando, encontrou na orla do parque o filho do curtidor quase em farrapos, absorto num livro. Esse livro era a tradução de *O Céu e o Inferno* […]
> — Compreendes isto? — disse-lhe.
> — A senhora reza a Deus? — perguntou o menino.
> — Naturalmente….
> — E a senhora o compreende?
> A baronesa calou-se um momento; sentou-se depois perto de Lambert, e pôs-se a conversar com ele. […] na volta ao castelo falou pouco a respeito dele […] mas pareceu muito preocupada.[11]

Nesse diálogo, ocorrido às margens do rio Loire, acredito ser importante destacar alguns tópicos esclarecedores. Começo pela imagem da água, que tem uma presença forte na obra de Balzac, segundo aponta Lucette Besson: "Entre os motivos que compõem uma paisagem balzaquiana, a água é, sem dúvida, o mais constante".[12] Da mesma forma ocorre na Bíblia. Citando Otto Rank, Robert Alter relata uma poética interpretação para a existência da água na saga de Moisés: "Otto Rank vê a cesta como uma imagem do útero e a água do rio como uma exteriorização do líquido amniótico. Deixando de lado as especulações psicanalíticas, fica claro na narrativa que a água desempenha um papel temático decisivo na carreira de Moisés".[13] De

---

[11] Balzac, 1959a, p. 16-17. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 595):"*La baronne de Staël, bannie à quarante lieues de Paris, vint passer plusieurs mois de son exil dans une terre située près de Vendôme. Un jour, en se promenant, elle rencontra sur la lisière du parc l'enfant du tanneur presque en haillons, absorbé par un livre. Ce livre était une traduction du Ciel et de l'Enfer […] — Est-ce que tu comprends cela? lui dit elle.*
— *Priez-vous Dieu? demanda l'enfant.*
— *Mais…oui.*
— *Et le comprenez-vous?*
La baronne resta muette pendant un moment; puis elle s'assit auprès de Lambert, et se mit à causer avec lui […] à son retour au château, elle en parla peu […] mais elle en parut fortement préoccupée."

[12] Besson, 2003, p. 307, tradução nossa. No original: "*Parmi les motifs qui composent un paysage balzacien, l'eau est sans doute le plus constant.*"

[13] Alter, 2004, p. 312, tradução nossa. No original: "*Otto Rank sees the basket as a womb image and the river water as an externalization of the amniotic fluid. Psychoanalytic speculation apart, it is clear from the story that water plays a decisive thematic role in Moise's career*".

qualquer forma, a simbologia da maternidade (biológica ou não) está implícita na cena. Baron destaca uma outra semelhança entre Mme. de Staël e a princesa egípcia: "Mãe de aluguel tão prestigiosa quanto a filha do faraó, ela não o entrega à mãe biológica, mas aos estudos".[14] As duas investem na formação intelectual dos pupilos. Chamo a atenção para a forma como os dois Moisés, o bíblico e o balzaquiano, são encontrados: o inocente bebê hebreu estava deitado dentro de um cesto de papiro alienado no mundo; já o Moisés francês de *A comédia humana*, na época, com 14 anos, surge como um adolescente rebelde, envolvido na leitura do livro místico *O céu e o inferno*,[15] de Swedenborg.[16] Ou seja, o primeiro, protegido pela matéria-prima que representa a origem do papel, o papiro, que no século XIX reaparece, reinventado, nas mãos de Louis Lambert na forma de uma obra religiosa mística e polêmica. Um texto considerado herético e transgressor pela Santa Sé, uma verdadeira afronta aos ensinamentos da Bíblia e da Igreja Romana.

Considerado um livro ímpio, *O céu e o inferno* pode ser simbolicamente interpretado como o cesto que leva o Moisés de Balzac até a sua protetora. A leitura, então, simbolizaria uma literária bússola que orienta e protege Louis Lambert, ao contrário do Moisés bíblico que surge na narrativa sagrada à deriva: sem direção, sem conhecimento. Quantas ironias envolvidas nessa cena descrita pelo narrador balzaquiano! Será que a intenção do autor era, outra vez, de forma burlesca, mostrar que o seu Moisés mundano chega como um profeta-investigador mais filosoficamente preparado para desmascarar e abalar a posição do herói sagrado e de seus dez mandamentos? Nos textos que escreve, clandestinamente, no colégio, Lambert se pergunta: "Fazemos de Deus o responsável pelo futuro, e não lhe pedimos conta alguma do passado […] Se o mundo veio de Deus, como admitir-se o mal? Se o mal veio do bem, cai-se no absurdo. Se não existe o mal, para que servem a

---

[14] Baron, 2018, p. 86, tradução nossa. No original: "*Mère de substitution aussi prestigieuse que la fille du pharaon, elle le remet en effet non pas à sa mère biologique, mais à l'étude*".

[15] *Do céu e do inferno* — livro publicado por Emmanuel Swedenborg em 1758. Trata-se de uma das leituras preferidas da mãe de Balzac. As obras místicas de Swedenborg – incluindo *Arcanos celestiais* (1749-1757), exerceram influência considerável sobre o romancista.

[16] Emmanuel Swedenborg (1688-1772), cientista sueco; autor de importantes obras de filosofia e ciência, entre as quais a *Economia do reino animal* (1741). Em 1743, durante uma estada em Londres, teve suas primeiras visões. Desde então, enveredou totalmente pela teosofia, declarando-se em comunicação com os espíritos e explicando seu sistema filosófico em vária obras volumosas, como *Arcanos celestiais* e *Do céu e do inferno*. Sua biografia é contada no romance *Séraphîta*. Essas informações constam na nota 14, publicada em: Balzac, 1959a, p. 17.

sociedade com suas leis?".[17] São reflexões estimuladas pela leitura das obras do místico Swedenborg. Foi justamente esse contato de Lambert com a doutrina religiosa marginal que fez com que a baronesa de Staël providenciasse o que, para ela, seria a salvação de Louis Lambert: "Antes de sua partida, encarregou um de seus amigos, o Sr. De Corbigny, então prefeito em Blois, de pôr o seu Moisés em tempo útil no colégio de Vendôme; depois, provavelmente, esqueceu-o".[18]

E esse poético Moisés resgatado por Mme. de Staël tem até a fisionomia comparada a do herói hebreu: "A beleza de sua fronte profética".[19] Os pontos de contato entre as narrativas balzaquiana e bíblica continuam sendo apontados na análise de Michel Butor:

> Louis Lambert-Moisés, deveria ter livrado seu povo exilado, ou seja, o povo francês com seus gênios, da opressão das ideias pós-revolucionárias, do esmagamento de uma falsa democracia. Infelizmente, se a filha do faraó pode designá-lo, salvá-lo das águas, ela não é capaz de protegê-lo como uma verdadeira mãe. A associação de seu nome ao de Madame de Staël logo será a mais prejudicial possível para o jovem, pois a situação das mulheres de sua época não permite que ele assuma plenamente seu gênio fora da esfera da vida privada'.[20]

Já na Bíblia, Moisés não é apenas o libertador, mas o legislador de seu povo oprimido e, segundo a tradição, seu primeiro escritor. Segundo a Sagrada Escritura, ele nasce numa época na qual os egípcios, com inveja da beleza dos filhos dos hebreus,

---

[17] Balzac, 1959a, p. 68-69. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 653-654): "*Nous faisons Dieu responsable de l'avenir, et nous ne lui demandons aucun compte du passé […] Si le monde sort de Dieu, comment admettre le mal? Si le mal est sorti du bien, vous tombez dans l'absurde. S'il n'y a pas de mal, que deviennent les sociétés avec leurs lois?*".

[18] Balzac, 1959a, p. 17. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 595): "*Avant son départ, elle chargea l'un de ses amis, M. de Corbigny, alors préfet à Blois, de mettre en temps utile son Moïse au collège de Vendôme; puis elle l'oublia probablement.*"

[19] Balzac, 1959a, p. 26.. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 605): "*La beauté de son front prophétique.*"

[20] Butor, 1998, p. 174-175, tradução nossa. No original: "*Louis-Lambert-Moïse aurait dû délivrer son peuple exilé, c'est-à-dire le peuple français avec ses génies, de l'oppression des idées post-révolutionnaires, de l'écrasement d'une fausse démocratie. Malheureusement, si la fille du pharaon peut le désigner, le sauver des eaux, elle n'est pas capable de le protéger comme une mère véritable. L'association de son nom avec celui de Mme. de Staël sera bientôt pour le jeune homme aussi néfaste que possible, parce que la situation de la femme dans son époque ne lui permet pas d'assumer pleinement son génie hors de la sphère de la vie privée*".

mandam afogar todos os meninos no rio Nilo. Depois de esconder o bebê por três meses, a mãe de Moisés o faz flutuar perto dos juncos em uma cesta de papiro, impermeabilizado com betume e resina feita da seiva de pinheiros. Alter explica: "a cesta na qual a criança é colocada é chamada de *tevah*, arca, a mesma palavra usada para a arca de Noé (pode ser um empréstimo egípcio). Esses termos emprestados abundam na história, dando-lhe cor local".[21] A herdeira do faraó encontra a criança boiando no rio e fica comovida; ela cuida dele e depois o cria como seu filho: "Que o adotou como filho e lhe deu o nome de Moisés, porque, disse ela, eu o tirei da água."[22] Em Balzac, o rio Nilo é substituído pelo Loire e o salvamento cabe à aristocrata francesa e escritora Mme. de Staël.

O nome de Moisés é citado pelo menos quatro vezes pelo narrador, sempre se referindo a Louis Lambert. Numa delas ele relata: "A autora de *Corina* não ouviu mais falar do seu pequeno Moisés."[23] A autora de *Corina* é Mme. de Staël. Ela financiou toda temporada de quatro anos (1811-1814) que o adolescente estudou no tradicional Colégio de Vendôme.[24] O estabelecimento educacional religioso representa para Louis Lambert e para o próprio Balzac o que o palácio do faraó foi para o jovem Moisés, que ali recebeu uma educação rara.

A figura de Moisés, segundo Michel Butor: "desempenha um papel essencial na obra de Balzac".[25] Da mesma forma, Baron ilumina a presença desse profeta fundamental tanto para o Judaísmo quanto para o Cristianismo em *A comédia humana.* Ela esclarece que tudo começa com a influência paterna. Bernard-François Balzac era um estudioso

---

[21] Alter, 2004, p. 312, tradução nossa. No original: "*The basket in which the infant is placed is called a tevah, ark, the same word used for Noah's ark. (It may be an Egyptian loanword). Such borrowed terms abound in the story, giving it local color*".

[22] Ex 2:10. La Bible. Edição traduzida por Lemaître de Sacy. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990. No original: *"Qui l'adopta pour son fils, et le nomma Moïse, parce que, disait-elle, je l'ai tiré de l'eau."*

[23] Balzac, 1959a, p. 18. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 596): "*L'auteur de Corinne n'entendit plus parler de son petit Moïse*".

[24] Baron, 2018, p. 9, nota 2, tradução nossa: Fundada pelo Cardeal de Bérulle segundo o modelo do Oratório Romano de São Filipe Néri, esta sociedade de sacerdotes interessava-se pelas letras e pela filosofia, o que se explica pelas notas do jovem Balzac sobre Descartes – que foi encorajado a continuar o seu trabalho por Bérulle –, sobre Malebranche, grande oratoriano, e sobre Spinoza, para quem a Bíblia tem um papel fundamental. Ele também deve ter conhecimento dos sermões do cardeal de Bérulle, muito místicos, muito sutis e superiores aos da maioria dos pregadores da época.

[25] Butor, 1998, p. 174, tradução nossa. No original: "*La figure de Moïse joue un rôle essentiel chez Balzac*".

desse drama bíblico: "É divertido ver o romancista seguir os passos do pai para integrar ao seu universo alegórico essa imagem do pai primitivo, personificando a Lei, portanto à imagem do superego".[26] Segundo Baron, além de *Louis Lambert*, o nome de Moisés ou cenas que remetam o leitor ao livro do Êxodo também aparecem em *Ilusões Perdidas, A Prima Bete, Beatriz, Os Proscritos e Massimilla Doni*: "Impressionado com a solidão de um profeta inspirado, o romancista, ao citar o Êxodo insiste em eventos completamente simbólicos".[27] Baron ainda destaca a presença do nome de Moisés nas correspondências de Balzac e cita, como exemplo, uma carta em que a amiga Zulma Carraud consola o escritor dos ataques que o romance *O Médico Rural* recebeu: "Vais acabar por ter a sina do Moisés de não sei que poeta que você me leu."[28] A figura do profeta hebraico, sempre presente no imaginário balzaquiano, ficou muito popular entre 1826 e 1837, reforça Baron: "esteve muito na moda nos anos em que a tragédia homônima de Chateaubriand foi lançada em suas obras completas."[29] Acredito, inclusive, que mais do que um herói religioso, Moisés simboliza para Balzac um personagem literário bem-sucedido, conhecido em todos os lugares e, sobretudo, campeão de vendas, capaz de ajudá-lo a conhecer os mandamentos necessários para ser um escritor de sucesso como os autores da Bíblia. Importante realçar que, ao longo de toda *A Comédia Humana,* Balzac, como um incansável midrashista, analisa e interpreta fragmentos bíblicos e as figuras de seus heróis, como o profeta Moisés. Em *O Cura da Aldeia,* nota-se nas palavras do narrador, quando ele descreve a paisagem na qual o castelo de Véronique Graslin está instalado: "[…] sob o manto protetor daquela floresta imensa de onde a ciência, herdeira da vara de Moisés, fizera jorrar a abundância…".[30] Aqui o romancista sinaliza que os cientistas também herdaram o legado da sabedoria profética de Moisés.

Balzac foi aluno no Colégio de Vendôme entre os anos de 1807 e 1813. Ali, cativo entre as muralhas da fortaleza clerical, o adolescente começa a despertar para um autoembate filosófico. Uma pluralidade de vozes habita os pensamentos do, então,

---

[26] Baron, 2018, p. 86, tradução nossa. No original: "*Il est amusant de voir le romancier suivre les traces de son père pour intégrer à son univers romanesque cette image du père primitif, incarnant la Loi, donc image du surmoi*".

[27]Baron, 2018, p. 87, tradução nossa. No original: "[…] *Frappé par la solitude de prophète inspiré, le romancier, citant l'Exode, insiste sur des événements tout à fait symboliques*."

[28] Balzac, 1960-1969, p. 388 apud BARON, 2018, p. 86.

[29] Baron, 2018, p. 85, tradução nossa. No original: "*est très à la mode dans les années ou paraît la tragédie homonyme de Chateaubriand dans ses œuvres complètes*".

[30] Balzac, 1959b, p. 200. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1978, p. 850): *"[…] sous le manteau protecteur de cette immense forêt d'où la science, héritière du bâton de Moïse avait fait jaillir l'abondance...*".

futuro romancista. Em Vendôme, Balzac ensaia os seus primeiros exercícios hermenêuticos das Sagradas Escrituras. Se os hebreus, prisioneiros no Egito, sonham em vencer o deserto da diáspora, Balzac busca desbravar o polifônico deserto da filosofia. Um lugar no qual ele pudesse ficar cara a cara só com o Criador, sem a humanidade, um deserto que ele define assim: "é Deus sem os homens",[31] nas palavras do narrador de *Uma paixão no deserto.* O deserto da solidão, define Pierre Barbéris: "O que talvez mais impressione nos heróis de *A comédia humana* é sua profunda solidão".[32] Solidão que, segundo Barbéris, instala-se na rotina de Balzac desde a infância: "Há, em Balzac, apenas figuras isoladas por seus vícios, seu gênio ou sua ambição, figuras que afundam até se perderem em uma solidão cada vez mais trágica."[33] Trágica como foi a vida de Louis Lambert, o herói apontado como autobiográfico do romancista.

Solitário, o jovem Balzac se lança numa desafiante jornada em busca de uma explicação para a existência humana: "Também eu preciso do deserto",[34] afirma seu alterego Louis Lambert, comparando-se a Jesus Cristo, líder religioso que ele acredita também ser filho do deserto. No entanto, já na adolescência, só as vozes da Bíblia, da Religião e da Ciência não bastavam ao criador de *A comédia humana*, esclarece Butor: "Para Balzac, muitos falsos profetas quiseram nos conduzir a uma terra prometida, mas os resultados obtidos são cada vez mais decepcionantes".[35] Butor sugere que o escritor queria tentar ir mais além para compreender o mundo e as civilizações. Daí as longas narrativas e ensaios filosóficos desenvolvidos nos relatos do narrador e do protagonista de *Louis Lambert*: "[…] enquanto um grande gênio não tiver explicado a desigualdade patente das inteligências, o sentido geral da humanidade repousará em areias movediças".[36] E, nessa desértica e angustiante procura por respostas, Lambert

[31] Balzac, 1958, p. 605. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1977, p. 1232): "*c'est Dieu sans les hommes*."

[32] Barbéris, 1973, p. 343, tradução nossa. No original: "*Ce qui frappe le plu, peut-être, chez les héros de la Comédie Humaine, c'est leur profonde solitude*."

[33] Barbéris, 1973, p. 343, tradução nossa. No original: "*Il n'y a, chez Balzac, que des figures isolées par leurs vices, leur génie ou leur ambition, des figures qui s'enfoncent jusqu'à se perdre en une solitude de plus en plus tragique*."

[34] Balzac, 1959a, p. 72. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 657): "*À moi aussi, il me faut le désert*!".

[35] Butor, 1998, p. 175, tradução nossa. No original: "*Pour Balzac, bien des faux prophètes ont voulu nous entraîner vers une terre promise, mais les résultats obtenus sont de plus en plus décevants*".

[36] Balzac, 1959a, p. 69. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 654): "*tant qu'un beau génie n'aura pas rendu compte de l'inégalité patente des intelligences, les sens*

só encontra a imensidão dos vazios: "Por toda parte, precipícios! Em tudo um abismo para o raciocínio".[37] O período na companhia dos padres oratorianos de Vendôme, cidade a 178 quilômetros de Paris, foi marcante para os estudos bíblicos de Balzac, como aponta Baron:

> Bom latinista, o romancista aprendiz, certamente, já leu e comentou as passagens mais famosas da Bíblia nos Oratorianos de Vendôme, em latim e em francês. Em todo caso, ele a consultou na época para descrever o paraíso da região de Touraine em *Sténie*, um romance juvenil não publicado, todo impregnado de memórias do livro de Gênesis.[38]

A importância de Vendôme na origem do mundo literário e intelectual de Balzac também é destacada por Philippe Bertault: "O período que se abre diante do novo aluno do colégio de Vendôme terá consequências que atingirão a profundidade de sua inteligência e de sua sensibilidade religiosa".[39] Efeitos esses que o narrador balzaquiano revela em *Fisiologia do casamento* (*Physiologie du mariage*): "puseram-lhe o germe da obra que hoje oferece ao público".[40] Tais consequências foram geradoras de ideias transgressoras que estão bem claras em vários fragmentos do romance, como atesta o próprio Balzac no prefácio do *Livro místico*: "*Louis Lambert* e *Séraphîta* falam e agem como os Místicos devem agir e falar".[41] Nota-se nessa citação a importância que Balzac dava às doutrinas religiosas marginais, vistas como pagãs, simpatia que ele demonstra em várias de suas obras.

---

général de l'humanité, le mot Dieu sera sans cesse mis en accusation, et la société reposera sur des sables mouvants".

[37] Balzac, 1959a, p. 69. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 654): "*Partout des précipices! Partout un abîme pour la raison!*".

[38] Baron, 2018, p. 9-10, tradução nossa. No original: "*Bon latiniste, l'apprenti romancier a certainement déjà lu et commenté, chez les Oratoriens de Vendôme, les passages les plus connus de la Bible - en latin et en français. Il la consulte en tout cas à cette époque pour décrire le paradis tourangeau de Sténie, roman de jeunesse non publié, tout imprégné des souvenirs de la Genèse*".

[39] Bertault, 2002, p. 22, tradução nossa. No original: "*La période qui s'ouvre devant le nouvel élève du collège de Vendôme aura des conséquences qui atteindront la profondeur de son intelligence et de sa sensibilité religieuse*".

[40] Balzac, 1959c, p. 235. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980b, p. 904): "*mirent-elles en lui le germe de l'ouvrage qu'il offre aujourd'hui au public*".

[41] Balzac, 1980c, p. 502, tradução nossa. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980c, p. 502): "*Louis Lambert et Séraphîta parlent et agissent comme doivent agir et parler des Mystiques*."

Mesmo ao relatar um drama ocorrido sob o teto de um colégio católico, a pena balzaquiana não economiza profanações quando o narrador faz alusões à Bíblia. O pai de Louis Lambert, por exemplo, é dono de um curtume, "e contava deixá-lo como seu sucessor".[42] O leitor atento aos pontos de contato com a narrativa bíblica logo ligará essa informação a uma das passagens mais emblemáticas da saga dos patriarcas: o polêmico roubo do direito à primogenitura de Isaac. Ao associar a origem de Louis Lambert ao objeto usado por Jacó para dar um golpe no próprio pai, o narrador balzaquiano aproxima dois transgressores (Jacó/Lambert). Podemos pensar, então: para conquistar uma suposta primogenitura filosófica nos estudos religiosos, o rebelde Lambert decide promover ataques à Bíblia, matriarca do pensamento ocidental. O personagem chega a sugerir que os livros sagrados da Índia são, literariamente, mais ricos e completos na descrição do planeta pós-dilúvio do que a *Bíblia Hebraica*:

> O espetáculo da pronta recuperação da Terra, os efeitos prodigiosos do sol cujas primeiras testemunhas foram os hindus, inspiraram-lhes as risonhas concepções do amor feliz, o culto ao fogo, as personificações infinitas da reprodução. Essas magnificas imagens faltam na obra dos hebreus.[43]

Transparece aqui a leitura crítica que o jovem Balzac já fazia, cativo em Vendôme, das Sagradas Escrituras. Segundo Louis Lambert, os hebreus esquecem da beleza e exageram no horror. O jovem pensador muito refletiu sobre essa postura das primeiras tribos de Israel:

> O caráter das primeiras ideias da horda a que o seu legislador denominou o povo de Deus, sem dúvida, para lhe dar unidade, e talvez também para o obrigar a conservar as suas próprias leis e o seu sistema de governo, pois os livros de Moisés são um código religioso, político e civil – está marcado com o cunho do terror: a convulsão do globo interpretada como uma vingança do alto por pensamentos gigantescos […] as infelicidades dessa

[42] Balzac, 1959a, p. 11. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 589): "*et comptait faire de lui son successeur*".

[43] Balzac, 1959a, p. 57. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 641): "*Le spectacle des promptes réparations de la terre, les effets prodigieux du soleil dont les premiers témoins furent les Hindous, leur ont inspiré les riantes conceptions de l'amour heureux, le culte du feu, les personnifications infinies de la reproduction. Ces magnifiques images manquent à l'œuvre des Hébreux*."

> população em viagem não lhe ditaram senão poesias sombrias, majestosas e cruéis.[44]

No texto original, Balzac escreve que o povo israelita, durante sua busca pela terra prometida, só produziu poesias "sangrentas" (*sanglantes*); palavra que o tradutor brasileiro Casemiro Fernandes preferiu suavizar vertendo o vocábulo para "cruéis". A pena balzaquiana foi mais intensa no relato e no discurso antissemita de Louis Lambert. Para o herói romanesco, a constante necessidade de sobrevivência dos hebreus através dos perigos e das regiões percorridas até o lugar de repouso, "produziu o sentimento egoísta desse povo e o seu ódio pelas outras nações".[45] Nesse fragmento, ilumina-se uma visão do romancista influenciada pelos mitos milenares que se multiplicaram mundo afora contra os judeus. Mitos que sustentam o antissemitismo histórico, justamente porque, segundo Maria Luiza Tucci Carneiro: "a cada versão da mentira, o processo de construção do mito vai sendo reforçado, ao longo dos tempos, por um conjunto de outras narrativas, cuja dinâmica abrange o mito de herege, do judeu errante, da 'raça' pura, do povo 'bárbaro, falso e hipócrita', do povo invasor…".[46] Balzac reproduz essas lendas por quase toda *A comédia humana* e exemplifica de forma clara e oportuna o esclarecimento de Carneiro.

Retornemos, então, ao romance. Após apontar o que Lambert acreditava serem pontos depreciadores dos seguidores de Moisés, o narrador informa que o amigo defendia o pioneirismo e a superioridade das religiões e dos textos sagrados asiáticos em relação à Bíblia, ao Judaísmo e ao Cristianismo:

> — É impossível, dizia ele, duvidar da prioridade das Escrituras Asiáticas sobre as nossas Sagradas Escrituras […] A antropogenia da Bíblia não é senão a genealogia de um enxame saído da colmeia humana que se instalou nos flancos

---

[44] Balzac, 1959a, p. 57. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 641): "*Le caractère des idées premières de la horde que son législateur nomma le peuple de Dieu, sans doute pour lui donner de l'unité, peut-être aussi pour lui faire conserver ses propres lois et son système de gouvernement, car les livres de Moïse sont un code religieux, politique et civil; ce caractère est marqué au coin de la terreur: la convulsion du globe est interprétée comme une vengeance d'en haut par des pensées gigantesques […] les malheurs de cette peuplade en voyage ne lui ont dicté que des poésies sombres, majestueuses et sanglantes*."

[45] Balzac, 1959a, p. 58. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 641): "*engendra le sentiment exclusif de ce peuple, et sa haine contre les autres nations*."

[46] Carneiro, 2014, p. 19.

> montanhosos do Tibete, entre os píncaros do Himalaia e os dos Cáucaso.[47]

Lambert recupera toda a simbologia da abelha, inseto sagrado no Judaísmo, citado várias vezes na Bíblia, para expor sua teoria sobre a origem da humanidade, chamada por ele de "colmeia humana", ideia que praticamente transfere a terra santa de Jerusalém para "os flancos montanhosos do Tibete". É importante destacar que os sacerdotes israelitas que protegiam os manuscritos bíblicos eram conhecidos como abelhas. O nome era usado para representar a atividade incessante, incansável desses homens e o serviço que eles prestavam a Deus e à comunidade. Teria sido proposital o resgate do vocábulo abelha nesse momento da narrativa? A ironia balzaquiana transparece nas entrelinhas. O Moisés de Balzac segue filosofando sobre o pioneirismo religioso da Ásia sobre Canaã e o Oriente Médio: "Para quem sabe reconhecer com boa-fé este ponto histórico, o mundo alarga-se extraordinariamente."[48] No entanto, como já pontuamos anteriormente, quando o assunto é religião, fé e os livros bíblicos, Balzac se mostra envolvido por contradições e incertezas. Não por acaso, mais adulto, o narrador informa que Louis Lambert se apaixona por uma bela jovem cujos traços faciais: "[…] ofereciam na sua maior pureza, os caracteres da beleza judia: as linhas ovais, tão largas e virginais que têm não sei que de ideal e respiram as delícias do Oriente…".[49] O narrador se refere a Pauline de Villenoix: "[…] única herdeira das riquezas acumuladas por seu avô, um judeu chamado Salomão, que, contrariamente aos usos do seu povo, desposara na velhice uma mulher da religião católica".[50] Nota-se, além do lugar-comum de escolher para um personagem judeu o nome de Salomão, o desejo galhofeiro de Balzac de promover o casamento de um velho israelita, que "desposara na velhice", com uma jovem cristã.

---

[47] Balzac, 1959a, p. 57. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 641): *"—Il est impossible, disait-il, de révoquer en doute la priorité des Écritures asiatiques sur nos Écritures saintes […] L' anthropogonie de la Bible n'est donc que la généalogie d'un essaim sorti de la ruche humaine qui se suspendit aux flancs montagneux du Thibet, entre les sommets de l'Himalaya et ceux du Caucase."*

[48] Balzac, 1959a, p. 57. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 641): *"Pour qui sait reconnaître avec bonne foi ce point historique, le monde s'élargit étrangement."*

[49] Balzac, 1959a, p. 73. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 658-659): *"[…] offraient dans sa plus grande pureté le caractère de la beauté juive: ces lignes ovales, si larges et si virginales, qui ont je ne sais quoi d'idéal, et respirent les délices de l'Orient…"*.

[50] Balzac, 1959a, p. 72. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 658): *"[…] seule héritière des richesses amassées par son grand-père, un Juif nommé Salomon, qui, contrairement aux usages de sa nation, avait épousé dans sa vieillesse une femme de la religion catholique."*

Assim como ocorre com o menino Louis Lambert, o contato de Balzac com a Bíblia e o seu desejo de compreender e desafiar o livro sagrado também começaram bem cedo. O autor nasce numa família católica e muito mística. Aos oito anos de idade, é internado pelos pais no Colégio de Vendôme e se vê rodeado por milhares de livros da valiosa biblioteca dos padres oratorianos. Um cardápio variado de obras raras passa, então, a saciar a fome de conhecimento do pequeno e curioso aluno interessado, especialmente, em temas como filosofia, misticismo e religião, "seus olhos dardejavam pensamentos"[51], explica o narrador. O acervo bibliográfico do colégio lhe apresenta grandes pensadores da humanidade: Aristóteles, Cervantes, Pitágoras, Platão, René Descartes, Shakespeare, Sócrates e Spinoza; também os Iluministas Diderot, Montesquieu, Rousseau e Voltaire, informa Baron: "O romance é colocado sob o signo do Humanismo, pelo patrocínio de Mme. de Staël, como já sabemos, protetora da criança, sob o signo da Bíblia, a primeira de suas leituras…".[52] Muito antes de Baron, Bertault já tinha sinalizado essa forte influência em Balzac: "Sua jovem incredulidade foi fortalecida com filósofos sensualistas e materialistas: Condillac, Fichte, Hobbes, Malebranche, Montesquieu, Spinoza, Locke acima de tudo. Depois da alma, ele examina Deus".[53] Inspiração transferida para o herói romanesco.

Mme. de Staël, então, tentada a salvar o protegido Louis Lambert do Espírito das Luzes e das ideias místicas, aposta na educação e na rigorosa disciplina oferecidas pela instituição católica. Na época, Lambert já tentava interpretar e entender a narrativa bíblica lendo obras consideradas hereges e liberais pela Igreja. André Vanoncini aponta que foi depois de ouvir o adolescente refletir sobre a obra do "[…] místico sueco que Mme. de Staël decidiu inscrevê-lo no colégio de Vendôme".[54] Já Balzac, ao contrário de Lambert, não tinha nenhuma protetora importante. Muito provavelmente sonhasse em ter uma, quem sabe até a própria baronesa de Staël, como sugerem as palavras de Michel Butor: "Balzac não foi descoberto por Mme. de Staël; mas ele sonha com essa filiação […] Ele gostaria que ela fosse sua mãe adotiva,

[51] Balzac, 1959a, p. 41. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 623): "*ses yeux dardaient la pensée.*"

[52] Baron, 2012, p. 46, tradução nossa. No original: "*Le roman est placé sous le signe de l'Humanisme par le patronage de Mme. de Staël, protectrice de l'enfant, sous le signe de la Bible, première de ses lectures…*".

[53] Bertault, 2002, p. 83, tradução nossa. No original: "*Sa jeune incrédulité se fortifie auprès des philosophes sensualistes et matérialistes: Fichte, Malebranche, Hobbes, Montesquieu, Spinoza, Condillac, Locke surtout. Après l'âme, il examine Dieu*".

[54] Vanoncini, 2019, p. 243. No original: *"[…] mystique suédoise que Madame de Staël décide de le faire inscrire au collège de Vendôme".*

mas provisoriamente".[55] Esse tipo de conclusão acaba ocorrendo justamente porque estamos diante de uma obra considerada, pela grande maioria dos críticos, como sendo autobiográfica.

A ideia de *Louis Lambert* ser um romance autobiográfico, no qual Balzac se reveza nos papéis de Lambert e do narrador, também é defendida por Michel Butor:

> Nesta 'autobiografia', Balzac se divide em dois personagens […] a dupla formada por ele e seu 'narrador', diríamos hoje seu companheiro, seu amigo íntimo, com quem ele divide tudo dentro desta prisão […] Não sabemos o nome desse 'escritor-narrador', que é um método clássico do romancista para que o leitor tenha dificuldade em distinguir o narrador do próprio autor. Balzac quer que estabeleçamos essa comunicação o tempo todo.[56]

Uma outra pista dessa dualidade encontramos nos codinomes dessas duas figuras romanescas fundamentais à narrativa. Os dois amigos inseparáveis ganharam dos colegas os apelidos de Poeta e Pitágoras. Uma referência aos conflitos que atormentam o adolescente Balzac, muitas vezes, dividido entre o coração e a razão, a matéria e o mundo espiritual. O narrador explica: "O Poeta e Pitágoras foram uma exceção, uma vida fora do comum […] Vivíamos exatamente como dois ratos escondidos no canto da sala…".[57] Percebemos que o narrador, ao comparar a dupla com ratos camuflados aponta para uma possível crítica de Balzac à forma como ele acreditava que a sociedade e, principalmente, a Igreja, via os poetas e os cientistas. Por demonstrarem um maior interesse à filosofia, mas, especialmente, aos pensadores mais transgressores e polêmicos, os dois companheiros sentiam-se excluídos pelos padres.

---

[55] Butor, 1998, p. 173, tradução nossa. No original: *"Balzac n'est pas été découvert par Mme. de Staël; mais il rêve de cette filiation […] Il voudrait qu'elle ait été sa mère adoptive, mais provisoirement".*

[56] Butor, 1998, p. 400-401, tradução nossa. No original: "*Dans cette 'autobiographie' Balzac se dédouble en deux personnages […] le couple de celui-ci et de son 'faisant', nous dirions aujourd'hui son copain, son ami intime avec lequel il partage tout à l'intérieur de cette prison […] Nous ne connaissons pas le nom de ce faisant-narrateur, ce qui est un procédé classique du romancier pour que le lecteur ait du mal à distinguer le narrateur de l'auteur lui-même. Balzac veut que nous établissions tout le temps la communication".*

[57] Balzac, 1959a, p. 33. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 613): *"Le Poète-et-Pythagore furent donc une exception, une vie en dehors de la vie commune […] Nous vivons donc exactement comme deux rats tapis dans le coin de la salle…".*

Louis Lambert só deixou o colégio aos 18 anos, no final de 1814, depois de terminado o curso de Filosofia. Nessa ocasião, ele já tinha perdido seu pai e sua mãe e refugiou-se na cidade de Blois, provisoriamente, na casa do tio, nomeado seu tutor, um padre que foi "expulso de seu curato em virtude de sua qualidade de sacerdote juramentado…".[58] Lambert também viveu três anos, uma pequena parte do seu deserto filosófico, em Paris. Nas "dunas viciantes" do *demi-monde* parisiense: "[…] ele deve ter sido muitas vezes presa das tempestades secretas, dessas horríveis tempestades de pensamentos que agitam os artistas…",[59] relata o narrador. É na capital francesa, enfrentando a miséria, depois de gastar as economias do tio, que ele escreve a carta condenando a postura dos poderosos diante do conhecimento: "O Estado poderia pagar o Talento, como ele paga a Baioneta; mas teme ser enganado pelo homem de inteligência, como se fosse possível falsificar por muito tempo o gênio".[60] E mesmo tendo o tio padre como interlocutor, Lambert não poupa provocações ao Clero em suas epístolas. Essa postura do herói cristaliza a técnica e a tática literárias do romancista de agir com plena liberdade na hora da escritura, não poupando nem mesmo as pessoas e as instituições que algum dia foram dignas de sua amizade e admiração. Quando Lambert afirma na carta ao tio padre que o Estado "teme ser enganado pelo homem de inteligência", e depois comenta "como se fosse possível falsificar por muito tempo o gênio", transparece a vontade de Balzac de usar seu personagem para mandar um recado às autoridades políticas e eclesiásticas francesas.

Numa outra passagem, ainda mais afrontosa, Louis Lambert desdenha da fé e, praticamente, de tudo que os estudiosos da Bíblia e do Cristianismo já escreveram. Sugere a necessidade de uma urgente redescoberta de Deus: "Meu pensamento é determinar as ligações reais que podem existir entre o homem e Deus. Não é uma necessidade da época?".[61] Ele também questiona a figura de um Deus bondoso e afirma acreditar que a alma é uma invenção mundana e não sublime: "Sei que saímos de apuros inventando a alma; mas tenho alguma repugnância em tornar Deus

[58] Balzac, 1959a, p. 60. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 644): *"chassé de sa cure en sa qualité de prêtre assermenté…".*

[59] Balzac, 1959a, p. 60. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 644): *"[…] il dut y être souvent en proie à des orages secrets, à ces horribles tempêtes de pensées par lesquelles les artistes sont agités…".*

[60] Balzac, 1959a, p. 63. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 648): *"L'État pourrait solder le Talent comme il solde la Baïonnette; mais il tremble d'être trompé par l'homme d'intelligence, comme si l'on pouvait longtemps contrefaire le génie."*

[61] Balzac, 1959a, p. 67. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 652): *"Ma pensée est de déterminer les rapports réels qui peuvent exister entre l'homme et Dieu. N'est-ce pas une nécessité de l'époque?"*

solidário com as fraquezas humanas, com os nossos desencantos, com os nossos desgostos, com a nossa decadência".[62] Ao trazer essa citação, destaco a teoria de Lambert sobre a alma, considerada pela Igreja a chama imortal e mais divina do corpo humano. Ao afirmar "saímos de apuros inventando a alma", o personagem defende que a alma é uma criação mundana e a despe de qualquer sacralidade. Ele ainda demonstra repugnância ao imaginar um Deus solidário aos defeitos e dores humanas. E proclama a decadência da humanidade diante do Criador. Transparece o pensamento de Balzac sobre a incompetência das religiões estabelecidas, sobretudo do Cristianismo, na recuperação ética, moral e espiritual dos seres humanos.

Tocado pelos prazeres da noite de Paris, o sobrinho do padre sobe ainda mais o tom das ofensas contra a Igreja: "Depois, como admitir em nós um princípio divino contra o qual alguns copos de rum podem prevalecer? Como imaginar faculdades imateriais que a matéria reduz, cujo exercício é impedido por um grão de ópio?".[63] Lambert parece querer despertar no tio o desejo de deixar completamente a batina. Ele segue escrevendo na carta uma coleção de questionamentos: "O mundo será eterno? Teria sido criado?",[64] até que volta a provocar os professores do Colégio de Vendôme que condenavam sua postura transgressora: "Por que haveria Deus de perecer, pelo fato de a substância ser pensante?".[65] Nessa pergunta, o suposto alterego de Balzac demonstra, outra vez, a sua reprovação à intolerância da Igreja diante das ideias transgressoras dos homens de gênio: filósofos, artistas, escritores, como ele, por exemplo. Nesse caso, Lambert ainda reduz o ser humano à palavra "substância", vocábulo que nivela o Homem a qualquer espécie de matéria, seja ela gasosa, sólida, líquida. Na voz de Lambert ou do narrador, o pensamento de Balzac parece não ter limites, especialmente, quando o assunto é religião, Igreja Romana e a narrativa bíblica.

Recuperando as ideias de Lambert sobre a necessária reinvenção de Deus, ilumino sua opinião referente à criação do mundo. Ele duvida e até renega informações

---

[62] Balzac, 1959a, p. 68. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 653): *"Je sais qu'on s'est tiré d'affaire en inventant l'âme; mais j'ai quelque répugnance à rendre Dieu solidaire des lâchetés humaines, de nos désenchantements, de nos dégoûts, de notre décadence."*

[63] Balzac, 1959a, p. 68. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 653): *"Puis comment admettre en nous un principe divin contre lequel quelques verres de rhum puissent prévaloir? Comment imaginer des facultés immatérielles que la matière réduise, dont l'exercice soit enchaîné par un grain d'opium?"*

[64] Balzac, 1959a, p. 68. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 653): *"Le monde est-il éternel? le monde est-il créé?"*

[65] Balzac, 1959a, p. 68. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 653): "*Pourquoi Dieu périrait-il, parce que la substance serait pensante?"*

contidas do *Livro de Gênesis*: "[…] a combinação constante da luz com tudo o que vive sobre a terra, requer novo exame do globo".[66] Lambert acreditava-se capaz de fazer esse estudo inovador.

Lambert sugere ser o Acaso mais poderoso e crível que o próprio Deus. Tomado pela dúvida e por uma angústia infinita "[…] uma espécie de fome que nada podia saciar…",[67] ele deixa Paris e volta a morar em Blois. Parece convicto de que as teorias místicas de Swedenborg superavam as de todas as religiões. O personagem revela que se convenceu disso depois de ter feito "imensos estudos sobre as religiões e de me ser demonstrada […] a profunda verdade das concepções da minha juventude sobre a Bíblia".[68] Repara-se nas expressões "imensos estudos" e "concepções da minha juventude sobre a Bíblia". Elas transmitem ao leitor a insistente vontade do autor de informar que Lambert refletiu bastante, leu e releu com rigor determinadas passagens da Bíblia, o que as religiões chamam de "profunda verdade" das Sagradas Escrituras.

Três anos antes da publicação de *Louis Lambert* (1832), Balzac já considerava o *Livro do Êxodo* e a figura do seu protagonista, uma fértil fonte de inspiração. Em *Fisiologia do casamento* (1829), o romancista elabora um dos seus exercícios hermenêuticos mais irônicos sobre a história de Moisés. Relata o autor-narrador: "O profeta andava sempre. Mas quando chegou ao planalto da montanha donde se descobria um imenso horizonte, olhou para trás, e só viu ao pé dele um pobre israelita […] Homem de Deus, você me seguiu até aqui!".[69]

Em Balzac, Moisés surpreende-se com a coragem do seu povo de segui-lo por mais que ele fosse "um guia sem rumo". E ao perseverante hebreu/leitor, o Moisés/autor ainda faz um mea-culpa e revela estar perdido: "Espero que não o assustará uma pequena recapitulação, e tenho viajado na convicção de que diria como eu: Onde

[66] Balzac, 1959a, p. 69. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 654): *" […] la combinaison constante de la lumière avec tout ce qui vit sur la terre, veut un nouvel examen du globe."*

[67] Balzac, 1959a, p. 12. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 590): *"[…] une espèce de faim que rien ne pouvait assouvir…".*

[68] Balzac, 1959a, p. 70. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980a, p. 656): *"d'immenses études sur les religions et m'être démontré […] la profonde vérité des aperçus de ma jeunesse sur la Bible."*

[69] Balzac, 1959c, p. 504. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980b, p. 1195-1196): *"Le prophète marchait toujours. Mais, quand il fut arrivé sur le plateau, d'où l'on découvrait un immense horizon, il se retourna, et ne vit auprès de lui qu'un pauvre Israélite […] Homme de Dieu qui m'as suivi jusqu'ici!…".*

diabo vamos nós?…".[70] Nessa passagem, fora criar uma imagem completamente à deriva de Moisés, o escritor ainda coloca na boca dele uma palavra que remete ao "diabo", associada ao destino da multidão hebreia que o seguia. Subjetivamente engatilhando a pergunta: "Seria tal destino, o inferno?". De acordo com esse exercício exegético de Balzac, nem mesmo o maior profeta de Israel sabia, de fato, onde ficava, se ela realmente existia e o que deveria esperar da tal terra santa. Ao refletir sobre esse fragmento, penso que nele pode estar implícita a ideia filosófica balzaquiana de que a expressão "Terra Prometida" era, na verdade, uma metáfora usada pelos escritores da Bíblia para designar o coração humano, realçar a importância de o homem atravessar o seu deserto íntimo para, finalmente, conhecer a si próprio.

Balzac retorna à caravana do profeta para tentar provar a sua tese de que a vocação da mulher para o adultério vem dos tempos bíblicos. Quando a multidão ainda fazia a travessia do deserto, o narrador chega a sugerir que, durante as paradas para descanso, os seguidores de Moisés se relacionavam, sexualmente, de forma promíscua. E relata um episódio de sexo grupal envolvendo um artista, uma mulher que já tinha filhos (e, por essa razão, considerando a época, muito provavelmente se tratava de uma israelita casada), e um cobrador de impostos. Eis o texto balzaquiano: "Um pouco mais adiante ficaram amantes à sombra das oliveiras esquecendo os discursos do profeta; porque pensavam que a terra prometida estava ali onde eles descansavam, e o verbo divino ali onde conversavam".[71]

Repara-se nas palavras usadas para descrever a cena de sexo entre os três discípulos de Moisés: "ficaram amantes à sombra das oliveiras". O narrador informa que o fato ocorreu embaixo da árvore mais sagrada da Bíblia, a oliveira, pela primeira vez mencionada nas Sagradas Escrituras em *Gênesis,* quando a pomba volta à arca de Noé com um ramo no bico anunciando o fim do dilúvio: "Ela veio até ele ao entardecer, trazendo no bico um ramo de oliveira cujas folhas eram todas verdes. Então, Noé reconheceu que as águas tinham se retirado da terra".[72] Na cena escrita por Balzac, a oliveira, ao fornecer sombra aos três amantes, torna-se simbolicamente

---

[70] Balzac, 1959c, p. 504. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980b, p. 1196): "J'espère qu'une petite récapitulation ne t'effraiera pas, et j'ai voyagé dans la conviction que tu disais comme moi: Où diable allons-nous?…".

[71] Balzac, 1959c, p. 504. No original, da Bibliothèque de la Pléiade (1980b, p. 1195): *"Un peu plus loin des amants restèrent sous des oliviers, en oubliant les discours du prophète; car ils pensaient que la terre promise était là où ils s'arrêtaient, et la parole divine là où ils causaient ensemble".*

[72] Gn 11, 8, tradução nossa. LA BIBLE. Edição traduzida por Lemaître de Sacy. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990. No original: *"Elle revint à lui sur le soir, portant dans son bec un rameau d'olivier dont les feuilles étaient toutes vertes. Noé reconnut donc que les eaux s'étaient retirées de dessus la terre".*

cúmplice de um adultério cometido pela mulher hebreia. A planta perde a sacralidade. Na sequência da frase da oliveira, lemos "esquecendo o discurso do profeta", ou seja, os três israelitas transgrediram os mandamentos de Moisés, esqueceram as palavras ditas por ele para se entregarem ao deleite dos sentimentos considerados profanos. Em seguida, no mesmo fragmento, o narrador esclarece por que aquele lugar tinha sido escolhido pelos amantes: "porque pensavam que a terra prometida estava ali onde eles descansavam, e o verbo divino ali onde conversavam". Agora, o narrador junta na cena do adultério três símbolos sagrados para judeus e cristãos: a terra prometida, o verbo divino e a oliveira. São pensamentos de um Balzac inspirado pela Bíblia e seus heróis. Um escritor que acreditava na força literária, sobretudo, do personagem Moisés, a ponto de copiá-lo e reinventá-lo, sem limites, em seu texto romanesco.

Referências

ALTER, Robert. *Five Books of Moses.* Nova York: W.W. Norton & Company, 2004.

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana, v. VII:* uma paixão no deserto. Tradução: Mário Quintana. Porto Alegre: Globo, 1958.

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana, v. XIV:* O Cura da Aldeia. Tradução: Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo**,** 1959b.

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana, v. XVII:* Fisiologia do casamento. Tradução: Mário D. Ferreira Santos. Porto Alegre: Globo, 1959c.

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana, v. XVII:* Louis Lambert. Tradução: Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Globo, 1959a.

BALZAC, Honoré de. *Correspondências.* t. II. Paris: Garnier, 1960-1969.

BALZAC, Honoré de. *Louis Lambert.* t. XI. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1980a (Organização: Pierre-Georges Castex).

BALZAC, Honoré de. *Physiologie du Mariage.* t. XI. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1980b (Organização: Pierre-Georges Castex).

BALZAC, Honoré de. Préface. *In*: BALZAC, Honoré de. *Livre Mystique.* t. XI. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1980c. p. 501-509. (Organização: Pierre-Georges Castex).

BALZAC, Honoré de. *Une passion dans le désert.* t. VIII. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1977 (Organização: Pierre-Georges Castex).

BARBÉRIS, Pierre. *Le monde de Balzac.* Paris: Arthaud, 1973.

BARON, Anne-Marie. *Balzac et la Bible.* Paris: Honoré Champion Éditeur, 2018.

BARON, Anne-Marie. *Balzac Occulte, Alchimie, Magnétisme, Sociétés Secrètes.* Lausanne: Éditions L'Âge d'Homme, 2012.

BERTAULT, Philippe. *Balzac et la Religion.* Genève: Slatkine Reprints, 2002.

BESSON, Lucette. L'eau de mort ou le thème de noyade chez Balzac. *L'Année Balzacienne,* Paris, p. 307-329, 2003.

BUTOR, Michel. *Scènes de la Vie Féminine.* Paris : Éditions de la Différence, 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Dez mitos sobre os judeus*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LA BIBLE. Edição traduzida por Lemaître de Sacy. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance.* São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VANONCINI, André. *Balzac, roman, histoire, philosophie.* Paris: Honoré Champion Éditeur, 2019.

WILLMS, Johannes. *Balzac.* São Paulo: Planeta, 2009.

Enviado em: 10/09/2025
Aprovado em: 30/10/2025